

Hermenêutica: Subsídios para Escolha(s) Metodológica(s) no Campo das Ciências Sociais Aplicadas

Autoria: Sidinei Rocha de Oliveira, Aida Maria Lovison

O presente ensaio aborda o fenômeno da compreensão, buscando, na hermenêutica filosófica, meios para uma inserção crítica na realidade. Duas contribuições complementam-se face ao objetivo: a Hermenêutica Filosófica de Hans-Georg Gadamer, pois compreender e interpretar (um texto ou fenômeno) estão indissoluvelmente interligados; e a Hermenêutica Crítica de Paul Ricoeur, por enfatizar a importância da práxis para o compreender hermenêutico. Como “arte do entendimento”, a hermenêutica traz consigo uma reflexão ontológica sobre os princípios, métodos e procedimentos do fazer científico, sendo, em si, um exercício de crítica. Sobretudo aquela que diz respeito às discussões sobre as condições de possibilidade do perguntar.

Introdução

Na construção de conhecimento, sobretudo no Campo das Ciências Sociais Aplicadas, não há neutralidade; ao contrário, há uma presença marcante (ainda que incomensurável) do pesquisador, responsável em última instância, por aquilo que tem competência de produzir. Assim, o sujeito do conhecimento é sempre um sujeito concreto, situado existencial e historicamente (FREIRE, 1982; GADAMER, 2006). Mas todos os estados da existência dependem de uma visão de e sobre o mundo que não se limita ao empiricamente dado (PATTON, 2002).

Essa aproximação reflexiva da realidade, própria de todo o trabalho científico, que “consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência” e que não se realiza fora da *práxis* (FREIRE, 1982, p.26), requer do homem um esforço de compreensão sobre o que se apresenta como estranho à realidade na qual ele está e procura. Este processo de desvelamento da realidade, esforço de humanização que é conscientização e, por isso mesmo, um compromisso histórico e, também, inserção crítica na história (FREIRE, 1982) nos vincula à hermenêutica, “[...] especialmente aquela que diz respeito às discussões sobre as condições de possibilidade do perguntar” (BOMBASSARO, 1995, p.113). Aliás, à pergunta sobre como a hermenêutica pode libertar a ciência das inibições ontológicas do conceito de objetividade e como ela própria pôde fazer jus à historicidade da compreensão, Gadamer (1996, p.421) responde: “**Compreender e interpretar são indissoluvelmente ligados**” (grifos nossos). Porquanto, não há trabalho científico que prescindia da interpretação; porém nem toda interpretação adota os recursos próprios da hermenêutica filosófica.

De modo geral, o posicionamento hermenêutico requer uma reflexão historicamente consciente, uma vez que para compreender determinado texto ou fenômeno, o sujeito do conhecimento, que é sempre um sujeito concreto, deve estar ciente do contexto histórico e social no qual está inserido. Com efeito, Gadamer discute a historicidade da compreensão, movimento que reconhece o homem como ser histórico que compreende ou se interroga e interpreta o mundo a partir de sua historicidade, chegando a uma compreensão também historicamente situada. Este desvelamento da realidade inclui, segundo Gadamer, a tomada de consciência sobre o modo como os pré-conceitos podem interferir na relação que o sujeito estabelece com o próprio texto.

Ricoeur enfatiza, por sua vez, a importância da *práxis* para o compreender hermenêutico, deslocando a ação do indivíduo para o centro da análise. Salienta ademais que, por meio da leitura e da interpretação do texto, o leitor não encontrará as ideias e sentimentos do autor, mas de seu próprio mundo e ampliará com isso o conhecimento de si. Na busca pela compreensão o leitor também se conhece no contato com o texto, passando, segundo ele, do texto à ação.

A busca voltada para o espaço editorial brasileiro através do indicativo “hermenêutico(a)” (ver PAVÃO, SEHNEM e GODOI, 2010) evidencia, no entanto, que boa parte das publicações, sistematizadas em passado recente sob esta égide, não fazem jus a “esse comportamento reflexivo diante da tradição [que se chama] **interpretação**” (GADAMER, 2003, p. 18-19; grifo do autor). Este ensaio visa, portanto, fornecer subsídios a uma tomada de decisão mais esclarecida sobre os fundamentos e exigências da hermenêutica e sua aplicação na realização de trabalhos científicos. Preconiza-se a adoção de uma postura que assume e valoriza uma ciência consciente das suas raízes, um modo de ser integrado a uma presença ativa, lúcida, corajosa o bastante para encarar os pré-conceitos, tematizá-los, tarefa da razão crítica, de modo a aportar novas meditações, sempre que quaisquer deles não se legitimarem.

Com esta implicação onde “o sentido da investigação hermenêutica é revelar o

milagre da compreensão” (GADAMER, 2003, p.59), adquire relevância, conforme referido, a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer e a hermenêutica crítica de Paul Ricoeur. A escolha desses filósofos se justifica pela complementariedade e, ao mesmo tempo, originalidade de cada abordagem, representando, nesta perspectiva, momentos cruciais da tradição hermenêutica. Eles contribuem assim, tanto para qualificar o esforço pessoal de compreensão, quanto para ampliar o debate sobre a postura e a responsabilidade do pesquisador na perspectiva em debate. Como fenômeno da compreensão, a hermenêutica ou a “arte do entendimento, conforme ensinam Gadamer e Ricoeur, traz consigo uma reflexão ontológica sobre os princípios, métodos e procedimentos do fazer científico, sendo, em si, um exercício de crítica.

Dada a amplitude da obra, o estudo destaca “Verdade e Método” e “O Problema da Consciência Histórica” de Hans-Georg Gadamer; “Interpretação e Ideologias” e “Do Texto à Ação”, de Paul Ricoeur, como obras referenciais. Alguns intérpretes de referência também auxiliaram na tarefa. Inicialmente, o texto enfatiza as contribuições de Gadamer e de Ricoeur. A seguir, destaca possibilidades trazidas pela hermenêutica filosófica, quando, em momentos cruciais de escolha metodológica, pode optar por uma abordagem diferenciada do fenômeno histórico, vindo a transformar seus temas e objetos de pesquisa em atos existenciais originários. Para a aquisição deste horizonte hermenêutico, o retorno às fontes é constitutivo lógico da experiência hermenêutica.

2. A Hermenêutica Filosófica de Hans-Georg Gadamer

Para realçar o que particulariza a obra de Hans-Georg Gadamer (1900-2002), é importante trazer a visão do autor, quando este, ao debater o problema do método, propõe uma reflexão sobre acerca da lógica que sustenta o desenvolvimento das teorias da construção científica na sociedade moderna. Seguindo o caminho inicialmente trilhado por Heidegger, Gadamer busca na hermenêutica, como *práxis* social, as condições para o estabelecimento de uma forma diferenciada na relação do pesquisador com o objeto de estudo. Traz, com isso, uma proposta de compreensão dos fatos da vida humana, como ciência, arte, política, religião, âmbitos à luz dos quais problematiza as condições e os limites da ciência no todo da vida humana (GADAMER, 1996). Para o autor, é este o mote a ser alcançado pelas ciências sociais ontologicamente orientadas.

Ao lançar sua reflexão sobre as condições para a compreensão nas “ciências do espírito” argumenta:

[...] o compreender é a forma originária de realização do ser-aí humano enquanto ser-no-mundo. E, antes de sua diferenciação nas duas direções de interesse prático e do interesse teórico, o compreender é o modo do ser-aí que o constitui como ‘poder-ser’ e possibilidade (GADAMER, 2003, p. 40).

Aqui, o posicionamento do pesquisador é crucial. Por concernir o homem e as relações que este mantém com o outro, consigo próprio e com a natureza, o saber tratado pelas “ciências do espírito” não se constitui apenas como saber técnico; ele é também saber ético. Nesse sentido, Gadamer (1966) recorre a Aristóteles donde salienta que a forma de agir consoante ao objeto de estudo, aos meios de que o pesquisador se serve e também a reflexão por ele desenvolvida, para ser considerada uma compreensão correta deve ser, acima de tudo, a expressão de um agir ético. E este é um encargo, reafirma Gadamer (2003), do qual pesquisador nenhum jamais poderá desembaraçar-se.

Embora exista um vínculo inalienável entre o saber ético e o saber técnico, há diferenças radicais. Conforme Gadamer (1996; 2003): (1) uma técnica se aprende e

pode ser esquecida; mas o saber ético nem se aprende, nem se esquece. Não é como um saber de ofício que se pode escolher; não se pode recusá-lo e escolher outro saber; (2) a atividade técnica, ao contrário do saber ético, não estimula a reflexão sobre os caminhos e os meios que permitem atingir o seu fim; (3) compreender o outro, não é simples conhecimento técnico do psicológico ou da experiência diária; requer engajar-se numa causa justa e, por meio desta, descobrir o vínculo com o outro, se sentir parte.

Desta forma, seria falso pensar que, com o desenvolvimento tecnológico, o ser humano poderia prescindir da reflexão ética. No centro desta discussão sobre o objeto está, pois, a questão da *práxis*, através da qual Gadamer busca “reestruturar e repensar a filosofia como ato existencial” (GACKI, 2004, p. 8). Conforme argumenta, sempre há uma relação prévia entre linguagem e ação; por esta razão a hermenêutica, isto é, “a arte do entendimento” (GADAMER, 1996), está sempre em busca do sentido do discurso; nisto, distingue-se dos ramos da linguística que se voltam para a estrutura da linguagem. Contudo, se o compreender é, para Gadamer (1996; 2003), um dos momentos da interpretação, no que consiste o problema do compreender? E **quem é o intérprete ou o investigador na hermenêutica gadameriana?**

Nos termos de Gadamer (2000a), para compreender é preciso antes de tudo estabelecer um elo com o outro. Nosso compreender precisa ter na e por base o entendimento de que nossa existência depende do “viver junto”, viver com o outro. Este outro é tanto os demais seres humanos que fazem parte de nosso convívio e a própria humanidade como um todo, quanto a natureza que nos cerca e com a qual estabelecemos um laço de co-dependência. E é este laço que tem que sido nos últimos anos negligenciado pela postura de explorador dominante.

Ao reconhecer a circularidade do movimento hermenêutico, em suma, de que, no âmago do que sempre constituiu as ações ou condutas do homem face ao passado, há uma rede de relações recíprocas, deve o pesquisador “se familiarizar com o papel que a tradição desempenha no interior do comportamento histórico, e indagar sobre a sua produtividade hermenêutica” (GADAMER, 2003, p.45). Conforme já foi dito, há um vínculo indissolúvel entre compreender e **interpretar** (GADAMER, 1996, p.421; grifos do autor). A construção de uma hermenêutica implica libertar a ciência das inibições ontológicas do conceito de objetividade e buscar compreender, por meio de uma **interpretação mediadora**, como a hermenêutica pôde fazer jus à historicidade da compreensão. Ou seja:

O conhecimento histórico não pode ser descrito segundo o modelo do conhecimento objetivista, já que ele mesmo é um processo que possui todas as características de um acontecimento histórico. A compreensão deve ser entendida como um ato de existência, e é, portanto, um ‘pro-jeto lançado’. O objetivismo é uma ilusão. Mesmo como historiadores, quer dizer, como representantes de uma ciência moderna e metódica, somos membros de uma cadeia ininterrupta graças à qual o passado nos interpela (GADAMER, 2003, p. 58).

A hermenêutica filosófica possui originariamente um caráter existencial, ou seja, realiza-se com o acontecer na tradição histórica do ser. Assim, a interpretação precisa estar inserida em um contexto em que o interpretar permite ser compreendido progressivamente como uma auto-compreensão de quem interpreta (STEIN, 2010). Ela nos ensina que o ser não pode ser compreendido em sua totalidade, não podendo haver, em razão disso, uma pretensão de totalidade da interpretação. Ao produzir uma virada hermenêutica do texto para a auto-compreensão do intérprete, Gadamer mostra como

esta somente se forma na interpretação, não sendo, portanto, possível descrever o interpretar como produção de um sujeito soberano (STEIN, 2010). A consciência histórica possibilita que este, face ao conceito de verdade, desenvolva uma atitude dialética na sua compreensão/interpretação do texto: há, por um lado, o distanciamento histórico do indivíduo com a obra através da qual ele está buscando compreender; há, de outro, a sua pertença a um determinado contexto histórico.

Nessa tensão entre distanciamento e participação ocorre uma “fusão de horizontes”, concepção que exclui a ideia de um saber único e total, havendo um contraste permanente entre o longínquo e o próximo.

Ter senso histórico é superar de modo consequente a ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual, adotando a perspectiva de nossas instituições, de nossos valores e verdades adquiridos. Ter senso histórico significa pensar expressamente o horizonte histórico coextensivo à vida que vivemos e seguimos vivendo (GADAMER, 2003, p. 18).

Na interpretação é preciso, portanto, eliminar as formas de preconceito que se insurgem, seja por precipitação, seja por prevenção. O julgamento apressado impede que o intérprete compreenda aquilo que o autor busca expressar. É limitar-se a crer naquilo que ele, como um sujeito concreto, singular, imagina que o autor apresentaria. A prevenção (isto é, prender-se ao costume, à autoridade) consiste, por sua vez, em não render-se ao texto apresentado sem analisá-lo criticamente, deixando prevalecer a força da tradição, seja pelo maior valor “de verdade” que é concedido ao escrito, seja pela consciência coletiva criada sobre determinado assunto. Tudo o que se tornou consagrado pela tradição e pela herança histórica possui uma autoridade anônima, e cada um de nós, como seres históricos e finitos, também estamos limitados pelo que está determinado pela autoridade do que foi transmitido. Em suma, alerta Gadamer (1996), o que é obscuro também interfere sobre a nossa ação e o nosso comportamento.

A atitude hermenêutica reconhece que não é possível abandonar todas as pré-noções e alcançar um conhecimento neutro, mas considera sua importância como parte constitutiva da estrutura de antecipação. Esta é a condição para a compreensão de algo (ANDRIOLI, 2010), desde que delas tomemos consciência durante o percurso da leitura e escrita. Frente ao texto, é necessário controlar os julgamentos prévios e deixar o texto transmitir sua mensagem, buscando apreender ao máximo aquilo que o seu autor pretendeu transmitir; significa, demonstrar abertura para a opinião do texto, relacionando-a, todavia, com o conjunto de nossas próprias opiniões. De fato,

[...] quem quer compreender um texto deve estar disposto a deixar que este lhe diga alguma coisa. Por isso, a consciência formada hermeneuticamente deve, desde o princípio, mostrar-se receptiva à alteridade do texto. Mas esta receptividade não pressupõe nem uma ‘neutralidade’ de base, nem o apagamento de si mesmo, mas inclui a **apropriação** que destaca as pré-concepções do leitor e os preconceitos pessoais. Trata-se de levar em conta que estamos prevenidos, afim de que o texto ele mesmo se apresente em sua alteridade e adquira assim a possibilidade de opor a sua verdade, que é a pré-opinião do leitor (GADAMER, 1996, p. 290; grifos do autor).

O autor reconhece pois que a mensagem de um texto não se limita a uma única contribuição. Diferentes contextos podem suscitar variadas contribuições e esta

ampliação das possibilidades de entendimento só é possível pela consciência histórica necessária àquele que realiza tal intento. Por meio do texto e da interpretação, é preciso, todavia que autor e leitor estabeleçam um diálogo. Este é mais do que a simples comunicação ou a troca de informações, pois traz algo que “ainda não havíamos encontrado em nossa experiência própria do mundo” (GADAMER, 2000b, p. 134). O verdadeiro diálogo traz consigo uma força transformadora que nos faz sentir participantes. É por meio dele que encontramos o outro e, ao estarmos em contato com o outro, encontramos a nós mesmos. Mas, “quem permanece em diálogo permanece sempre aquele que não sabe, [posto que] a dialética, a arte do diálogo, a arte de questionar, de colocar à prova [que nada mais é do que] colocar a descoberto e em suspenso” (GADAMER, 1996, p.391).

O fenômeno hermenêutico comporta, diz Gadamer (1996, p. 393), uma realização particular, mas, “carrega em si a originalidade do diálogo e a estrutura pergunta-resposta”. Quer dizer, todo texto contém uma pergunta dirigida a alguém, e o fato daquele transformar-se em um objeto de interpretação quer dizer, de pronto, que ele coloca uma questão para o intérprete. Compreender esta questão é compreender um texto, pois “a interpretação contém sempre uma referência essencial à questão colocada a alguém. [...] isso se produz [...] adquirindo o horizonte hermenêutico, [que] agora aparece como ‘**o horizonte de interrogação**’, no interior do qual se determina a orientação semântica do texto” (GADAMER, 1996, p.393; grifos do autor). Na relação com o texto, o diálogo está presente na abertura do leitor frente à obra; consiste em uma mudança nas suas perguntas a partir da leitura e releitura daquela (GADAMER, 2000b). A lógica das “ciências do espírito” é, por causa desta especificidade, “uma lógica da interrogação” (GADAMER, 1996, p. 393).

Para Gadamer, compreender é um ato de mediação entre o presente e o passado; é estabelecer uma relação entre nós mesmos e com o modo pelo qual a construção (texto, obra de arte, etc.) realizada no passado se apresenta e se dirige a nós. É participar de uma perspectiva comum. Nesse sentido radical e universal, a tomada de consciência histórica não é o abandono da eterna tarefa da verdade, mas um dos caminhos a ser trilhado para alcançar “uma” manifestação de verdade. Esta trajetória pode ser seguida na relação de toda compreensão com a linguagem, que vem a ser a maneira pela qual se revela a consciência da produtividade histórica.

Retomando o círculo hermenêutico apresentado por Heidegger, Gadamer (1996) destaca, mais uma vez que, o movimento da compreensão vai constantemente do todo para a parte e, desta, retorna para o todo. Mas, para que “se cumpra a tarefa propriamente *crítica* da hermenêutica, isto é, distinguir os preconceitos que cegam daqueles preconceitos que esclarecem, os preconceitos falsos dos preconceitos verdadeiros” (GADAMER, 2003, p.68; grifos do autor), a aquisição de um horizonte hermenêutico é necessária. Essa filtragem dos preconceitos que constituem, em essência, as legítimas ideias diretrizes da compreensão verdadeira, evolui por sua vez em um movimento contínuo de universalização. A sua descoberta e a resposta a sua provocação “é precisamente fruto de um reencontro renovado com uma tradição que se encontra, talvez, na origem deles” (GADAMER, 2003, p.68). Ora, o critério fundamental para a compreensão coerente consiste, sempre, na concordância de cada particularidade com o todo, posto que o “o ato de interpretar permanece inteiramente ligado ao sentido do texto” (GADAMER, 1996, p.355). Quando essa coesão não ocorre, significa que a compreensão está prejudicada.

O círculo hermenêutico, estrutura da lógica questão-resposta, porém, não é objetivo, nem subjetivo, mas uma forma de entender a compreensão como sendo o jogo

no qual ocorre o intercâmbio entre o movimento da tradição e o intérprete. Assim, a antecipação de sentido, que guia a nossa compreensão de um texto, não é um ato de subjetividade: esse é um movimento que se origina de nossa união com a tradição, e deve ser entendido como um processo em contínua formação. “O círculo da compreensão não é, portanto, de modo algum, um círculo ‘metodológico’; ele descreve antes um elemento estrutural ontológico da compreensão” (GADAMER, 1996, p. 315). Ora, esta compreensão, quando se trata da compreensão de textos, remete ao fato de que “[...] **todo tradutor é um intérprete**” (GADAMER, 1996, p.409; grifos nossos). Em tal condição, o tradutor deve chamar para si a responsabilidade pelo modo como ele participa do despertar do sentido do texto. Assim, para Gadamer (1996), é nas situações em que o diálogo, como processo de explicação-entendimento, está perturbado ou complicado, que tomamos de fato consciência das condições de toda comunicação.

Ademais, os textos não são somente mais ou mais menos significativos; são também mais ou menos úteis. Como não é possível formular uma pergunta sobre algo que não se sabe, é fundamental mesmo assim reconhecer tal condição, dado que a pergunta concernente à objetividade é algo difícil de ser respondido, a menos que se conheça o contexto social que a engendrou. “Qual é a melhor leitura deste texto?” pressupõe realmente que saibamos “para que finalidade” e “em que contexto” ela foi (pro)posta. Neste aspecto, Gadamer retoma a tradição hermenêutica medieval, destacando a importância do terceiro aspecto da leitura. Quer dizer, juntamente com a compreensão e a interpretação, a hermenêutica inclui sempre a aplicação (GADAMER, 1996). Com efeito, se a interpretação é a forma explícita da compreensão, e ambas estão indissoluvelmente ligadas, “a linguagem e o aparelho conceitual da interpretação são eles mesmos reconhecidos como elementos estruturais interiores à compreensão” (GADAMER, 1996, p.329). Do ponto de vista do contexto hermenêutico, aqui se situa justamente o terceiro aspecto do problema citado acima: a aplicação edificante.

A consciência que faz esta relação original da cultura do discurso e da argumentação, com a tradição, é a consciência histórica. A superação da fixidez do texto das contingências de origem e do seu autor, nisto consiste, para Gadamer (1996), o caráter de contemporaneidade do texto. A abordagem de Gadamer possibilita, assim, um novo caminho para a compreensão de determinada realidade sociohistórica por duas razões: em primeiro lugar, porque não se necessita de uma representatividade numérica e de uma análise matemática para relacionar determinado discurso à “realidade”; esta tarefa pode ser alcançada pela análise sistemática de produções textuais daquele contexto específico; em segundo lugar, não é dado destaque para o conceito de “especialista”, cujas leituras seriam em decorrência “melhores” ou “mais verdadeiras” do que às realizadas pelo leitor leigo. Com efeito, não existe para Gadamer um leitor especialista; existem apenas várias leituras que têm maior ou menor validade para o leitor. Dado que incumbe a nós fazer o texto falar – e isto nada mais é do que a expectativa de uma resposta de parte de quem questiona –, é salutar rememorar estas palavras de Gadamer (1996, p.412-413): “O escrito é uma forma de auto-alienação. Vencê-la através da leitura do texto, eis a tarefa suprema da compreensão”.

A principal desvantagem atribuída às grandes linhas de uma teoria da experiência hermenêutica em Gadamer concerne a existência de certo relativismo subjetivista, em suma, diferentes leitores ao analisar o mesmo texto podem interpretá-lo de maneira diferente. Mas, para Gadamer (1996, p.448; 409), “a palavra é como um espelho através do qual nós vemos a coisa, [sendo] os textos, [...] ‘manifestações da vida fixadas de maneira durável’ que solicitam serem compreendidas”. Este empreendimento comporta uma dificuldade particular: o esforço para se libertar-se dos

preconceito em favor do que está escrito, pelo simples fato “[...]da fixação por escrito conter um elemento de autoridade de uma particular importância” (GADAMER, 1996, 293). A consciência hermenêutica de que há, na linguagem, um elemento de autoridade, acresce a importância da atitude ética. Este suposto conclama o pesquisador/intérprete a assumir uma atitude responsável face à tarefa da compreensão, em nome do vigor moral, político e intelectual exigido por um posicionamento hermenêutico autêntico.

3. A Hermenêutica Crítica de Paul Ricoeur

Paul Ricoeur (1913-2005) aborda Gadamer e propõe, ao lançar as bases de sua Hermenêutica Crítica, que este fazer seja entendido como uma “teoria das operações de compreensão em sua relação com a interpretação de textos” (JAPIASSU, 2008, p.18). Ou seja, uma hermenêutica de onde fosse possível reconhecer sua ontologia sem recair num possível relativismo subjetivista. Ricoeur situa sua tradição filosófica invocando três traços fundamentais: a) na linha da filosofia reflexiva, buscando uma maior compreensão de si como sujeito das operações de conhecimento, apreciação, etc.; b) na influência da fenomenologia hussreliana, que a entende como uma filosofia reflexiva, não consistindo apenas como um método de descrição essencial das articulações da experiência, mas como uma autofundação radical na mais completa clareza intelectual; c) como uma variante hermenêutica desta fenomenologia, pois segundo o famoso conceito de Husserl, “o sujeito só existe inserido ‘no mundo da vida’, [...] enredado nas histórias que os outros contam e contaram a seu respeito” (LEVY, s/d, p.53). É sobre este terceiro aspecto que o presente texto se detém.

A filosofia de Ricoeur expressa um trabalho de tomada de consciência voltado à desmistificação das ilusões. Para ele, a realidade não pode ser reduzida apenas ao que pode ser visto e, dado que o mundo é o horizonte de todo o objeto e este se expressa também naquilo que é dito, há muitas possibilidades de captá-lo, muitas das quais nos excedem. A hermenêutica permite decifrar o sentido oculto e não percebido dos objetos, os quais são expressos através da linguagem como mediação total do mundo humano. Estes sentidos podem ser interpretados através da compreensão dos símbolos; são eles que formam a linguagem e exprimem nossa experiência fundamental e nossos sentimentos em diferentes situações (JAPIASSU, 1988). Em suma, a linguagem é constituinte do sujeito. Não há, portanto, compreensão de si que não seja mediatizada por signos, símbolos e textos; esta coincide, em última análise, com a interpretação aplicada a estes termos mediadores (RICOEUR, 1989). Com efeito, a mediação pelos signos está presente na condição linguística da experiência humana; é na experiência da fala que os indivíduos apresentam vontades, percepções, desejos. Assim, a mediação pelos símbolos refere-se às expressões de duplo sentido que as culturas tradicionais inseriram na designação de elementos (terra, água, fogo), dimensões (altura, largura, etc.) e assim por diante. Já a mediação pelos textos, embora pareça restringir a esfera da interpretação apenas à escrita, permite uma ampliação da intensidade de análise do discurso produzido.

“Ora, a tradição nos é transmitida pela linguagem, assim como tudo o que sabemos da história. [...] Em tais condições, encontramos-nos jogados sempre *in medias res*, no meio das coisas – e a primeira dessas coisas sem dúvida é a linguagem” (LEVY, s/d, p.53). Nesta aprendemos quem somos. Nesse sentido, uma filosofia hermenêutica assume os pressupostos de uma filosofia como reflexão e como fenomenologia, seguindo o caminho da mediação pelos símbolos, signos e textos. O papel da hermenêutica consiste em uma dupla tarefa: reconstituir a dinâmica interna de um texto e restituir a capacidade da obra se projetar para fora de si mesma, apresentando um

mundo que seria o próprio texto (RICOEUR, 1989). A compreensão, para Ricoeur, passa pela explicação, pois no texto coexistem discurso e linguagem.

Em sua hermenêutica fenomenológica de inspiração husserliana, o filósofo ocupa-se, fundamentalmente, do modo como sistemas interpretativos elucidam-se mutuamente ao colocar-se em conflito na sua atualidade. O principal meio de acesso a esses sistemas é a análise estrutural do discurso. O olhar para o futuro, a partir dos sistemas lingüísticos que buscam responder a interesses emancipatórios de aqui e agora, é que permite a apropriação hermenêutica de uma tradição, numa legítima fusão de horizontes. A busca pela objetivação de um texto na análise de sua estrutura, da articulação de um conjunto de frases, é a expressão de uma intenção de comunicação – o discurso. Para Ricoeur (2008, p. 61-62; grifos nossos),

a hermenêutica permanece a arte de discernir o discurso na obra. Mas esse discurso não se dá alhures: ele se verifica nas estruturas da obra e por elas. Consequentemente, a interpretação é a réplica desse distanciamento fundamental constituído pela objetivação do homem em suas obras de discurso comparáveis à sua objetivação nos produtos de seu trabalho e de sua arte.

Se por um lado o autor destaca a necessidade de uma objetividade para a compreensão do texto, por outro atribui toda a importância ao leitor quando este se expõe ao texto.

O momento do ‘compreender’ responde dialeticamente ao ser em situação, como sendo a projeção dos possíveis mais adequados ao cerne mesmo nas situações onde nos encontramos. Dessa análise, retenho a ideia de ‘projeção dos possíveis mais próximos’ para aplicá-la à teoria do texto. De fato, o que deve ser interpretado, num texto, é **uma proposição de mundo**, de modo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios. É o que chamo de o mundo do texto, o mundo próprio a **este** texto único (RICOEUR, 2008, p. 66, grifos do autor).

A compreensão, portanto, se estabelece na relação entre a pertença e a distância. A leitura e a interpretação do texto permitem uma descoberta de mundo, na relação entre o texto e o leitor. Posto que o tempo humano só é entendido narrativizado, a hermenêutica incorpora a dimensão histórica ao possibilitar a compreensão do sujeito no mundo. Ou seja, aquilo de que finalmente me aproprio é uma proposição de mundo, e essa proposição não se encontra atrás do texto, mas diante dele: compreender é compreender-se diante do texto (RICOEUR, 2008).

Assim, a apropriação de um texto requer uma crítica interna, um momento de distanciamento de si. A crítica às utopias do sujeito deve ser procurada e incorporada para alcançar a compreensão de si. Desta forma, a hermenêutica crítica de Ricoeur incorpora a necessidade do pesquisador refletir e posicionar-se frente às ideologias. “[Esta] crítica às ideologias é o atalho que a compreensão de si deve necessariamente tomar, caso esta deixe-se formar pela coisa do texto, e não pelos preconceitos do leitor” (RICOEUR, 2008, p. 69). Com isso, Ricoeur tenta resolver o dilema da clássica oposição entre ciência e ideologia. Com efeito, dado que não há lugar não-ideológico de onde o cientista social possa falar, a saída encontra-se no estabelecimento de uma relação dialética entre esses fenômenos como base para o exercício da crítica. Acreditar-se neutro é, desse ponto de vista, uma forma de auto-engano.

Com vistas a superar a (possível) dicotomia entre a consciência hermenêutica e a consciência crítica, Ricoeur (2008), cita duas fontes possíveis: a hermenêutica das tradições de Gadamer, centrada na interpretação da finitude humana, e a crítica das ideologias de Habermas, capacidade decorrente do interesse pela emancipação.

No entanto, para Ricoeur, a hermenêutica gadameriana não pode ser levada em paralelo com a crítica das ideologias, por meio da qual se reconhece e se elimina os preconceitos. A hermenêutica das tradições e a crítica das ideologias devem seguir ligadas aos seus próprios domínios. É a possibilidade de construção de uma hermenêutica crítica que torna possível uma relação dialética entre estas (FERRATER MORA, 2005). Assim, em contraponto às propostas de Habermas e Gadamer, Ricoeur (2008) propõe elaborar uma reflexão crítica sobre a própria hermenêutica. Seu objetivo não é o de fundir as duas vertentes de pensamento, mas conferir à crítica das ideologias uma dimensão meta-hermenêutica.

Ao afirmar que o ponto de unidade entre a crítica das ideologias e a hermenêutica é admitir que, para a crítica operar, deve possuir, como substrato, a hermenêutica, Ricoeur elabora uma reflexão, na verdade, uma crítica das ideologias voltada para sua reivindicação de universalidade. Quatro temas podem ajudar a entender a relação que pode ser estabelecida entre as duas correntes, servindo de complemento crítico à hermenêutica das tradições:

- 1) O texto possui uma autonomia tríplice: com relação à intenção do autor; à situação sociohistórica em que o texto foi produzido e seus condicionantes; e com relação ao destinatário original. Assim, a escrita não se restringe à fixação material do discurso. Uma vez fixado, o texto não coincide com aquilo que o autor queria dizer, sua leitura futura será sempre uma recontextualização.
- 2) A superação da dicotomia entre “explicar” e “compreender”. Compreender é “retomar em si mesmo o trabalho de estruturação do texto” (RICOEUR, 1989, p. 43); explicar consiste numa operação de segundo grau que busca a clarificação dos códigos subjacentes da linguagem corporificada no texto. No compreender não se deve buscar o caminho da objetivação, mas antes buscar o entendimento do texto através da coisa que dele nos fala. A hermenêutica requer uma complementaridade dessas duas atitudes, com a superação do dualismo epistemológico. Para isto, ele utiliza a noção de texto que produz o distanciamento que possibilita a ideia de objetividade, situando-o no interior da historicidade da experiência humana (JAPIASSU, 1988).
- 3) A hermenêutica implica interrogar a “coisa do texto”, o tipo de mundo aberto por ele, indo além da estrutura fechada apresentada pelo texto.
- 4) A preocupação da hermenêutica não é a de descobrir a intenção oculta por detrás do texto, mas manifestar um mundo diante dele; a compreensão desse mundo representa o espaço da relação do autor com a subjetividade.

Ricoeur busca além da resposta às perguntas da hermenêutica, fornecer um método através do qual a hermenêutica pode ser realizada: primeiramente, um movimento do subjetivo ao objetivo; em segundo, do objetivo ao subjetivo, preservando, assim, os benefícios das duas abordagens. O primeiro estágio da abordagem de Ricoeur consiste pois, em dar forma a uma hipótese a respeito do sentido de um texto (por meio da intuição subjetiva). Esta hipótese deve então conduzir o leitor a classificar o texto em uma hierarquia dos elementos. No segundo, ele deve analisar a estrutura de um texto, deslindando o que se encontra debaixo da sua superfície. Os textos são compostos de unidades de sentido que constituem o texto inteiro, na mesma

maneira que os parágrafos são constituídos das palavras e das sentenças. Estes não são o que o autor “significou dizer” (assim evitando a armadilha de Gadamer), mas são preferivelmente as características formais que podem ser estudadas somente no relacionamento a outros aspectos do texto (WALLACE, ROSS e DAVIE, 2003).

A abordagem hermenêutica de Ricoeur permite, desde então, um direcionamento crítico na relação que o leitor (ou o pesquisador) estabelece com o texto. Enquanto na leitura de Gadamer ainda apareciam traços de uma hermenêutica romântica, Ricoeur desloca a ação do indivíduo para o centro da análise. Desse ponto de vista, a crítica não pode ser utópica, ela deve estar relacionada com a sua possibilidade concreta e a responsabilidade política, tornando o agir uma dimensão importante para a compreensão. Depois de escrito, o texto ganha autonomia. E mesmo para o autor que (re-)lê seu texto, um novo sentido atribuído é perceptível. Esta pluralidade dos atos de escrita e leitura é, para Ricoeur, a riqueza da hermenêutica, e é aqui, segundo ele, que se dá a identificação da presença da crítica na hermenêutica, isto é, “[...] é a presença de uma instância crítica no interior da interpretação. Porque, aqui, o distanciamento pertence à própria mediação. [...] Porque o distanciamento revelado pela escrita já está presente no próprio discurso que mantém, em germe, o distanciamento do dito ao dizer [...]” (RICOEUR, 1989, 136).

Esta consciência (hermenêutica) concentrada na noção de sujeito como si-mesmo isto é, como reflexividade e historicidade, em suma, como identidade narrativa, merece atenção especial, posto que, para Ricoeur, a narração de si representa a via privilegiada para o exame reflexivo da vida. Interpretar é participar de um processo histórico de produção de significados. Desta compreensão depende, portanto, a qualidade de verdade hermenêutica tão cara a Ricoeur.

A seguir, fruto do questionamento sobre possíveis contribuições do paradigma hermenêutico (STEIN, 2010, p.14) para o desenvolvimento de pesquisas em especial, no campo das ciências sociais aplicadas, três propostas merecem destaque, a saber: a posição do pesquisador no mundo e sua responsabilidade com a ciência; o posicionamento hermenêutico autêntico: compreender, interpretar e aplicar; por fim, a experiência hermenêutica e o pesquisador como intérprete nas diferentes etapas da atividade de pesquisa.

4. Contribuições da Hermenêutica para Pesquisas em Ciências Sociais Aplicadas

Com base nos aspectos respectivamente considerados os mais determinantes na Hermenêutica Filosófica de Hans-Georg Gadamer e na Hermenêutica Crítica de Paul Ricoeur, cabe especificar o seu conteúdo de possibilidade, apresentando-o como objeto de reflexão para o pesquisador interessado em sua aplicação.

4.1 A posição do pesquisador no mundo e sua responsabilidade com a ciência

Primeiramente, a hermenêutica, como ramo do conhecimento que tem por base uma postura filosófica para a compreensão de textos e outras construções, nos remete a uma atitude epistemológica e ontológica distinta daquela que a tradicional abordagem científica preconiza. Assumir o processo hermenêutico tornando-o princípio e fundamento da lógica da experiência hermenêutica é reconhecer que o pesquisador – em sua condição de ser concreto, histórico e social – é um agente participante do processo de pesquisa. Daí provavelmente advenha o aspecto mais relevante da abordagem hermenêutica, a consciência da influência histórica, ou seja, da posição do intérprete no tempo, lugar e visão de mundo que, originalmente, o constituem. A consciência deste

pertencimento ao mundo implica reconhecer esta presença como seres do mundo, atuantes circunscritos numa realidade dada, a partir do terreno que é a experiência do mundo constituída na linguagem. Nos termos de Ricoeur (2008), aquilo de que me apropriado, não é algo que está **atrás**, mas **diante de mim**. Compreender é compreender-se diante do texto. Trata-se mais precisamente de expor-se ao texto e receber dele um *si* mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo da maneira mais apropriada possível. O *si* não porta a chave da compreensão, diz Ricoeur (2008), mas constituído – o que seria mais justo dizer – pela “coisa” do texto.

Por essa razão, não existem abordagens neutras nem meramente objetivas. O campo científico é um espaço constituído por seres históricos, social e culturalmente condicionados. A escolha de autores de referência, nos temas de pesquisa, na pré-determinação de métodos são ações que refletem o pensamento e a orientação adotados pelo autor. São tais escolhas que, mais ou menos conscientes, norteiam a relação que o pesquisador estabelece com o objeto de pesquisa e, conseqüentemente, com os resultados obtidos. A hermenêutica filosófica requer, na perspectiva gadameriana, que o pesquisador examine constantemente suas questões de pesquisa, as razões que as orientam, tomando ciência das pressuposições acerca do tema. Isto não implica em abandono dos pressupostos, mas em reconhecer que existem ideias e concepções prévias que interferem nas elaborações e na compreensão dos textos de referência e na significância atribuída aos resultados.

Conforme ressalta Gadamer (1996; 2003), as “ciências do espírito”, e aqui destacamos as Ciências Sociais Aplicadas, têm o homem e suas relações como seu objeto de análise. Desta forma, constituem um saber ético e não apenas a obtenção de conhecimento baseado no rigor técnico-metodológico da pesquisa científica. Mesmo contrariando o discurso dominante, o pesquisador deve estar ciente da sua responsabilidade no meio social, mais precisamente, através da escolha que faz dos temas de pesquisa e como estes podem trazer contribuições efetivas para a melhoria das relações e das condições de vida dos seres humanos, inclusive dos que ainda não nasceram. A compreensão do fenômeno estudado deve, portanto, ser primeiramente baseada numa postura ética face a outrem, face à alteridade, e com a natureza inclusive.

A hermenêutica traz um novo compromisso do pesquisador para com os estudos realizados. Sua reflexão não deve ficar restrita aos recursos técnicos a serem utilizados, mas buscar um real comprometimento com o objeto de pesquisa. Assim, focar a compreensão apenas sobre aquilo que alguém diz, ou seja, sobre aquilo que efetivamente está em causa na pretensa e limitada objetividade atrelada às técnicas e métodos a que o autor diz fazer jus é reduzir a própria possibilidade de entendimento sobre o tema em estudo. Isso inviabiliza e até reforça o que deve ser superado hermenêuticamente, a dicotomia compreensão e interpretação. Uma autêntica atitude hermenêutica estabelece um elo ético com o conhecimento que o pesquisador está desenvolvendo, não restringindo a compreensão à simples aplicação técnica. O pesquisador que adota uma postura hermenêutica busca ligar-se às questões do seu campo de atuação e às respectivas implicações perante si, aos outros seres humanos e à própria natureza num tempo e espaço determinados. Em sua atividade de pesquisa não apenas relata ou reproduz a história; aqui, o pesquisador é um ente comprometido, participante ativo na produção do conhecimento, marcando de uma forma indubitável o seu (próprio) tempo.

4.2 A estrutura do posicionamento hermenêutico autêntico: compreender, interpretar e aplicar

No **círculo do compreender** existe, de fato, uma polaridade entre familiaridade e estranhamento. É neste **entre-dois** que se funda a tarefa da hermenêutica, sendo este o seu verdadeiro lugar. “O que resulta desta posição intermediária, onde deve se manter a hermenêutica, é que sua tarefa não consiste de forma alguma em desenvolver um procedimento de compreensão, mas esclarecer as condições nas quais ela se produziu” (GADAMER, 1996, p.317). Ou seja, “o círculo hermenêutico [...] reúne o intérprete e seu texto numa unidade interior a uma totalidade em movimento”. No campo das Ciências Sociais Aplicadas esta é uma peculiaridade que evidencia a necessidade de se poder contar com um pesquisador engajado, ou seja, de alguém que não se limite apenas ao conhecimento virtuoso dos conceitos, mas que também reconheça a necessidade de sua aplicação. Sob este ponto de vista, é importante retornar aos três momentos da hermenêutica filosófica propostos por Hans-Georg Gadamer: compreensão, interpretação e aplicação. De que adianta conhecer e dominar certos conceitos se estes estão distantes da realidade em que se vive e não podem ser aplicados ou colocados a serviço de uma justificada transformação?

Mas quando falamos em aplicação, não estamos assumindo a posição defendida em alguns estudos da área de Administração, nos quais o foco da pesquisa recai exclusivamente sobre a questão dos resultados (redução de custos ou aumento da produtividade), desconsiderando as pessoas ou a validade daquelas para a sociedade em geral. Se assim fosse, a proposta ficaria restrita a uma elaboração científica orientada por uma racionalidade instrumental finalisticamente centrada na ampliação dos meios de produção e no alcance de resultados financeiros máximos, quando não para um aperfeiçoamento sutil dos meios de controle. Ampliar as possibilidades de produção e geração de recursos é algo que reflete os problemas próprios de cada área de conhecimento, mas estes não podem ser compreendidos se forem isolados do contexto social e ecológico do qual as organizações são parte constitutiva.

O posicionamento hermenêutico convoca o pesquisador a avançar movido por uma reflexão ética, implicada e historicamente consciente. Nessa medida, ao buscar compreender determinado texto ou fenômeno, é preciso adentrar o nosso contexto histórico e social, tomando ciência de como ele pode interferir na relação que nós estabelecemos com o texto. Para os estudiosos da área de ciências sociais, como é o caso, esta reflexão também perpassa os objetivos almejados por estudos como este, remetendo, por essa via, a um compromisso intransferível quanto ao desenvolvimento das organizações e da sociedade como um todo. Os preconceitos e a tradição acadêmica de algumas áreas de conhecimento demarcam uma limitação imposta, no decurso dos anos, por escolhas que fortalecem as demandas por pesquisa em uma perspectiva instrumental. Quando adotada com exclusividade, esta lógica traz a expectativa recorrente e muitas vezes ilusória de, por tais iniciativas, favorecer indelevelmente incrementos de eficiência, ou o resultado econômico-financeiro das organizações.

Conforme já foi dito, “uma consciência formada pela autêntica atitude hermenêutica [...] supõe uma tomada de consciência com relação as nossas opiniões e preconceitos (GADAMER, 2003, p. 63-64). Cabe então ao pesquisador refletir sobre eles, buscando compreender o modo como foram construídos ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. Trazem, portanto, as marcas reais do tempo histórico e do contexto cultural que os nutriram e embalaram. Por ser dialógica, esta reflexão ao demarcar um movimento de retorno sobre si como ser pensante e ser de relação (CHAUI, 2004), permite que o pesquisador parta de uma interpretação crítica de si mesmo, suscitando aberturas na compreensão e diálogo estabelecidos com os textos.

4.3 A experiência hermenêutica e o pesquisador como intérprete

O trabalho hermenêutico se realiza, especificamente, através da interpretação, cuja essência, como lógica de interrogação, “[...] é por a nu as suas possibilidades e mantê-las de sobreaviso” (GADAMER, 2003, p.69). É por meio desta lógica, mesmo onde parece faltar a linguagem, que o autor vai revelando a outrem a sua forma de estar no mundo e o tipo de relação que estabelece e mantém com os mesmos. Esta atitude que reflete uma postura de pesquisador pode ser evidenciada de várias formas: no trato acurado e autêntico que ele dispensa ao estudo dos textos de referência; no reconhecimento ou dignidade atribuída aos sujeitos implicados na etapa empírica do estudo, sempre que este o exigir; e, também, no esforço e rigor metodológico com que realiza a busca de meios justos para realização dos fins. Citando Gadamer (2009, p.54), “o fim do saber ético não é uma ‘coisa particular’; ele determina a retidão ética da vida em seu todo”. Neste empenho gadameriano onde “compreender é o esforço para participar de uma perspectiva comum” (GADAMER, 2003, p.59), compete ao pesquisador assumir o empenho de diminuir cada vez mais a distância entre fazer e falar (FREIRE, 2004), atitude de respeito voltada à tradição e, também, aos pares e leitores potenciais.

Por meio da hermenêutica ou da fenomenologia da compreensão, o pesquisador estabelece uma relação diferenciada com o objeto; ele vai além da simples interpretação, assumindo-a como uma *práxis* social. Nesta proposta de compreensão do mundo, também é preciso levar em conta os limites da ciência na vida dos seres vivos. Esta direção é obtida no campo das Ciências Sociais Aplicadas, quando se busca primeiramente seguir uma orientação ontológica, que se apresenta nas diferentes etapas da pesquisa: definição de problema, busca por referenciais e por métodos de pesquisa, bem como no levantamento, análise e interpretação dos dados. Num primeiro momento, por assim dizer, o pesquisador constrói seu problema de pesquisa a partir de uma interpretação que ele faz de determinado objeto. Concorrem para tal, seja um conjunto de leituras prévias ou ocorrências do cotidiano que, em confronto com sua história, adquirem significância. Os problemas pesquisados têm portanto um sentido que vai além da simples pesquisa, sendo um modo do pesquisador dialogar e ir além, trazendo sua contribuição aos grupos dos quais participa.

Na leitura e escolha dos referenciais a mediação leitor-texto é importante. Cabe ao pesquisador compreender de que forma a construção passada contribui para sua própria elaboração na contemporaneidade. Nisto há que buscar a contribuição útil de cada obra, por meio do diálogo respeitoso estabelecido entre o que nela se apresenta, seu propósito. Com o fim de efetivá-la, o estudioso deve levar em conta tanto os textos que servem de base para a elaboração e que o auxiliam, deste modo, na definição dos passos pautados pelo rigor metodológico, quanto os sujeitos diretamente na construção do saber. Este processo requer a prevalência de uma relação respeitosa em todas as suas etapas: da coleta à transcrição, da interpretação às reflexões finais. Realizar este compromisso pelo rigor metodológico e por uma atitude ética autêntica é essencial, visto que permite ultrapassar os contornos lógicos e ontológicos próprios de um saber primordialmente gerado em nome de um controle subordinadamente numérico.

Reflexões Finais

A proposta aqui empreendida pode ser considerada modesta e ousada ao mesmo tempo. Ousada, por defender ideias seminais de autores, sabendo que permanecem textos por explorar. Modesta, pois ainda há muito que aprender neste caminho; simples por suscitar o óbvio, isto é, propor um diálogo voltado para a atitude hermenêutica e

para os meios de pesquisa requeridos por um ramo da Filosofia que realça o vínculo indissolúvel entre o pesquisador e os temas e objetos de estudo de sua preferência.

Por buscar uma compreensão sempre vinculada ao contexto, a hermenêutica, como fulcro da experiência existencial, dispensa olhares múltiplos sobre um mesmo tema. Esta interpretação mediatizada não se restringe, porém, à análise escrita; ela traz para o centro da discussão elementos de compreensão que permitem superar o subjetivismo. O círculo hermenêutico, atende critérios de rigor e objetividade exigidos pela pesquisa científica, mas no campo das Ciências Sociais Aplicadas, os usuais questionários e entrevistas ainda tendem a prevalecer.

Ademais, no deslindamento do objeto de estudo, a consciência hermenêutica pressupõe um saber ético e não apenas técnico. Dele emana o reconhecimento social por suas realizações como pesquisador e membro ativo da sociedade. Ademais, a produção científica implica o estabelecimento de uma relação fundada no diálogo. Ou seja, o pesquisador, ao tentar compreender o caráter enigmático de uma coisa, se encontra, pela via do questionamento, com o tema e com os outros sujeitos da pesquisa, e assim vai compreendendo mais sobre o fenômeno, sobre a comunidade e sobre si mesmo. Para Gadamer (1996, p.398), “somente esta relação estreita que se revela entre questionar e compreender [é que] dá à experiência hermenêutica sua verdadeira dimensão”.

Além disso, o pesquisador pode ir além da produção de textos destinados à comunidade acadêmica, evitando assim alimentar um *ethos* elitista que o distancia da sociedade. A ação do pesquisador demanda esta integração na esfera política, espaço para uma discussão efetiva dos resultados, com ganhos potenciais em termos de inserção no necessário processo de transformação da realidade aonde está inserido. A reflexão crítica e historicamente situada sobre conceitos e métodos a empregar no trabalho científico, ao se opor ao subjetivismo, capacita o pesquisador a gerar conhecimento com mais autonomia e responsabilidade. Tais condições de possibilidade, onde “o homem chega a ser sujeito por uma reflexão [radical e de conjunto] sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto” (FREIRE, 1982, p.35). Elas constituem, por sua lógica interna, elementos do método, com impacto indubitável na prática científica e na disseminação do conhecimento, tarefa da educação nos mais diversos campos do saber.

Compreender, na perspectiva gadameriana, não é compreender melhor, mas compreender outramente. O posicionamento hermenêutico, esforço de humanização que é conscientização e, por isso mesmo, um compromisso histórico e, também, inserção crítica na história, nos vincula à hermenêutica, sobretudo aquela que diz respeito às discussões sobre as condições de possibilidade do perguntar. Pela reflexão que o tema suscita, acredita-se, em definitivo, que a busca por uma postura hermenêutica, muito mais do que outra possibilidade de construção científica, é também a contínua análise do caminho que a ciência está tomando como meio a serviço e na sua relação com a sociedade. Talvez seja este o apelo da metafísica do belo e do bem: ousar avançar através de uma experiência autêntica, tal como a ideia do belo está presente no que é belo que por sua implacável evidência se faz valer como verdade.

Referências

ALMEIDA, C. L. S. de. *Hermenêutica Filosófica*: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ANDRIOLI, A. I. A crítica da hermenêutica e a hermenêutica da crítica.

http://www.espacoacademico.com.br/024/24res_and.htm. Acesso em: 10 Fevereiro 2010.

- BOMBASSARO, L. C. *Ciência e Mudança Cultural*. Notas sobre Epistemologia e História da Ciência. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. 13ª ed. 2ª impr. São Paulo: Ática, 2004.
- COSTA, A. A. *Direito e Método: diálogos entre a hermenêutica filosófica e a hermenêutica jurídica*. UNB, Tese de Doutorado, Março 2008.
- DENZIN, N. K. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, Calif.: Sage, 2000.
- DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE. *Le nouveau Petit Robert*. Paris : Dictionnaire Le Robert, 1993.
- FERRATER MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005 (4 Tomos).
- FREIRE, P. *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- _____. *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GADAMER, H.-G. Da palavra ao conceito: a tarefa hermenêutica enquanto filosofia. In: ALMEIDA, C. L. S. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000a.
- _____. A incapacidade para o diálogo. In: ALMEIDA, C. L. S. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000b.
- _____. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- _____. *Vérité et Méthode*. Paris: Seuil, 1996.
- JAPIASSU, H.. Paul Ricoeur: o filósofo do sentido. In: RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- PATTON, M. Q. *Qualitative research & evaluation methods*. Thousand Oaks [Estados Unidos]: Sage Publications, 2002
- PAVÃO, Y. M. P. ; SEHNEM, S. ; GODOI, C. K. . A Postura Hermenêutica nos Estudos Organizacionais Brasileiros. In: Encontro de Estudos Organizacionais - Eneo 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2010.
- GARKI, S.R. S. Perspectivas do diálogo em Gadamer. *Cadernos IHU*, Ano 4, nº16, 2006.
- LEVY, David. A identidade narrativa. *Revista Mente-Cérebro & Filosofia*, s/d, p.50-57.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- _____. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Res, 1989.
- SEALE, C. *Qualitative research practice*. London: SAGE, 2004.
- STEIN, E. Novas perspectivas para temas clássicos. Entrevista realizada por Patrícia Pereira. In: *Filosofia*. São Paulo: Escala, Ano IV, Edição 50, Agosto /2010, p.8-15.
- _____. *A consciência da História: Gadamer e a Hermenêutica*. <http://www.cfih.ufsc.br/~wfil/gadamer.htm>. Acesso em: 25 Janeiro 2010.
- WALLACE, B., ROSS, A., DAVIE, J. B. Applied hermeneutics and qualitative safety data. In: *Human Relations*. New York: May 2003.V.56, Nº. 5; p. 587.